

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IV, Nº186 MAIO - PORTO VELHO, 2005.
Volume XII Maio/Agosto

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

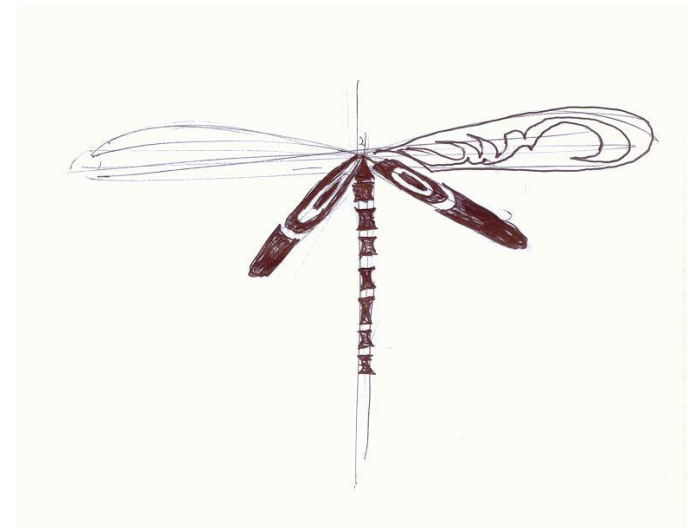
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

186



RITOS E PRAZERES GREGOS

MAURICE SARTRE



MAURICE SARTRE

Origem do texto: Especial para a "L'Histoire"

Folha de São Paulo Online – Caderno MAIS! - 31/10/1999 - Página: 6 e 7

Tradução: Paulo Neves

Mais que qualquer outra civilização, a Grécia concedeu um lugar oficial aos amores masculinos. Essas relações se inscreviam primeiramente no quadro pedagógico e iniciático que vinculava um adolescente a um homem mais velho. Mas, para além desses aspectos rituais, a cidade grega se banhava inteiramente numa atmosfera de erotismo em que o corpo nu do homem era glorificado.

"Ó Zeus, por que infligiste aos humanos este flagelo enganador, as mulheres, pondo-o à luz do sol? Se querias propagar a raça mortal, não é às mulheres que convinha requerer o meio para isso; em troca de ouro, ferro ou uma peça de bronze depositada nos templos, os mortais deveriam adquirir sementes de crianças, cada uma segundo o valor da doação oferecida, e habitar casas libertas da corja feminina... Morte às mulheres! Jamais saciarei meu ódio contra elas!" (1).

Essa prece de Hipólito, herói legendário, não é a expressão do sofrimento do homem exposto aos tormentos do amor, mas o grito do coração de quem lamenta a presença maléfica dessa corja, disposta a assediá-lo, que vem perturbar a quietude de uma sociedade masculina. A descoberta da paixão quase incestuosa que lhe manifesta Fedra, a mulher de seu pai, leva-o a odiar o conjunto das mulheres.

Sem ser exemplar, Hipólito testemunha as difíceis relações mantidas entre homens e mulheres na Grécia antiga, sendo pouco dizer que elas têm aspectos muito diferentes daqueles que nossos contemporâneos conhecem. Tanto que os eruditos substituíram seu estudo _ainda em grande parte por ser feito_ pelo das relações entre homens. Como se a Grécia só tivesse dado uma importância secundária aos amores heterossexuais, reduzindo-os de certo modo à sua função biológica, para privilegiar amores masculinos, dos quais ofereceria um modelo acabado.

Claro que não é bem assim; os historiadores distinguiram o que lhes parecia diferente, estranho, mas isso não impede que exista uma poesia amorosa e erótica enaltecendo a sedução das mulheres, que todos os sentimentos que estas suscitam sejam ali evocados, da mais grosseira pornografia às elegias mais ternas. Contudo é preciso reconhecer claramente isto: se Don Juan e Casanova tiveram antepassados gregos, estes não deixaram muitas lembranças.

A bem da verdade, a vida amorosa dos gregos, e mais precisamente seus comportamentos sexuais, sempre foi objeto de embaraço, de difamação ou de elogio para os historiadores. Nenhuma civilização antiga concedeu um lugar tão visível, tão tranquilamente oficial, às relações que chamamos homossexuais, mas para as quais os próprios gregos não tinham um termo particular.

O que impressiona _e que incomoda ou encanta, isso depende_ não é a existência da homossexualidade nas sociedades gregas (ela existe provavelmente em qualquer outra, mais ou menos difundida e identificável), mas seu estatuto privilegiado, em grande parte mais valorizado que a frequência das mulheres, pelo menos em certas épocas e em certos meios. Compreende-se que as sociedades ocidentais alimentadas de moral judaico-cristã, nas quais a homossexualidade foi por muito tempo considerada como a abominação absoluta, não tenham cessado de se interrogar sobre esse aspecto particular do helenismo, nosso outro grande antepassado.

Por muito tempo prevaleceu sobre o tema uma abordagem prudente e embaraçosa. Ao mesmo tempo que os documentos que ilustram os costumes gregos abasteciam uma literatura mais ou menos científica rapidamente destinada ao inferno das bibliotecas, alguns estudiosos, cuja notoriedade e reputação irrepreensível autorizavam abordar o tema, atinham-se a explicações superficiais que consistiam basicamente em minimizar o fenômeno.

Assim, Henri-Irenée Marrou, em sua bela "Histoire de l'Education", negava qualquer caráter sexual às relações entre amantes e, a despeito dos textos e das imagens, queria reduzir a relação "erastés-eromenos" (2) a uma camaradagem masculina, militar ou pedagógica, que somente condições excepcionais e a fraqueza da carne podiam transformar num corpo-a-corpo ilícito.

Essas concepções, que não são radicalmente falsas, mas muito parciais, recolheram uma larga aprovação, por não haver quem ousasse enfrentar a documentação. Todo aquele que se arriscasse ir mais longe na análise, ou mesmo se interessar atentamente pelo "corpus" documental, podia ser suspeito de simpatias duvidosas, como se buscasse no comportamento dos gregos uma justificação para o fim das interdições que ainda pesavam sobre os homossexuais na Europa no século 20.

A situação permaneceu assim e foi preciso esperar a liberalização dos costumes nos anos 1960-1970 para que se iniciasse uma revisão radical das opiniões aceitas. Isso resultou especialmente na análise sem falsos pudores efetuada por Félix Buffière, de uma abundante poesia erótica masculina pouco equívoca em suas descrições e muito precisa quanto à evocação do prazer dos amantes.

Por outro lado, Kenneth Dover (em "A Homossexualidade na Grécia Antiga", Ed. Nova Alexandria) fornecia um estudo detalhado de todos os aspectos da questão vocabular, representação do corpo, prostituição, legislação etc. Em particular, ele evidenciava a realidade das relações sexuais entre homens por meio de um estudo muito completo tanto dos textos como dos documentos ilustrados. Assim caía um tabu implícito, pois Kenneth Dover sublinhava ao mesmo tempo a frequência do fenômeno pederástico e a dimensão sexual das relações amorosas, que iam além da amizade viril de companheiros de caserna ou do vínculo privilegiado de ordem pedagógica, mais espiritual que carnal.

Mas Kenneth Dover e, numa certa medida, Félix Buffière contentavam-se mais em descrever do que em explicar e faltava uma chave que permitisse compreender de que modo tal situação tinha podido se desenvolver entre homens que, não obstante, não evitavam as mulheres. Bernard Sergent trouxe então uma contribuição capital.

Analisando os mitos gregos em que apareciam amores homossexuais, assim como textos históricos quase etnográficos relativos tanto a Creta quanto a Esparta ou Atenas, mas também os celtas, germanos ou iranianos, ele mostrou de forma luminosa que as práticas evocadas por esses textos se inscreviam, por um lado, numa série de ritos bem conhecidos: os ritos de passagem que marcam a integração dos jovens à sociedade dos adultos.

Na sequência bem estabelecida das situações impostas aos jovens - práticas de exclusão e de marginalização, seguidas de inversão dos papéis usuais e, enfim, de reintegração no grupo -, a homossexualidade encontra seu lugar entre outros comportamentos de inversão. Bernard Sergent não reduzia a homossexualidade grega a essa única função, mas suas conclusões podiam levar a pensar que essa prática muito comum no mundo helênico (como em outros povos antigos) se justificava por esse costume pedagógico e iniciático primitivo, que de certo modo fundava sua legitimidade.

Essa demonstração obteve uma ampla aprovação. Tanto maior, talvez, por dar uma explicação que evitava qualquer tomada de posição moral frente a um comportamento que continuava a surpreender e até a chocar muitos estudiosos. Ufa!, devem ter suspirado alguns, é apenas um rito! Sem reintegrar os gregos na norma sexual dominante, dispunha-se ao menos de uma interpretação que excluía o desejo individual e lavava os antigos da acusação de perversidade, com o risco de lançá-los na categoria dos povos primitivos: como o constatava já no século 18 o jesuíta Laffitau, ao examinar os ritos iniciáticos cretenses, os gregos também haviam sido selvagens!

Sem dúvida, isso era reduzir abusivamente o fenômeno e considerar só uma de suas facetas. Mas era o suficiente para as associações e os militantes gays, que se regozijaram de ver um estudo histórico sério e argumentado considerar enfim a homossexualidade não como um desvio, mas como uma prática natural, ainda que na Antiguidade.

As sólidas conclusões de Bernard Sergent não receberam, porém, apenas louvores. Alguns recusaram análises que julgavam demasiado redutoras: parecendo limitar a homossexualidade grega a um rito estritamente codificado, havia de fato o risco de retirar com isso da Grécia antiga o papel de modelo de tolerância que alguns desejavam vê-la desempenhar.

John Boswell foi, por essa razão, um dos adversários mais renhidos das teses de Sergent, que ele deformava para melhor recusá-las. Ele não tinha muita competência em matéria de mitos gregos, mas sua autoridade se baseava num admirável estudo publicado em 1980, abrangendo mais de um milênio, no qual procurava demonstrar que a homossexualidade havia se generalizado no meio dos clérigos e dos bispos dos primeiros séculos da Idade Média e que a condenação cristã não encontrava justificação nas escrituras sagradas.

O acúmulo de provas serviu-lhe para fundar a legitimidade de uma sexualidade que só teria sido sistematicamente atacada a partir do triunfo das idéias de Tomás de Aquino nos séculos 13-14. Voltando à carga uma dezena de anos mais tarde, ele tentou ir ainda mais longe, ao afirmar que os antigos, pagãos ou cristãos, não haviam hesitado em reconhecer as uniões do mesmo sexo. Seguramente, John Boswell preocupava-se mais em buscar na Antiguidade argumentos para alimentar os debates atuais do que em compreender por eles mesmos os comportamentos dos gregos e, de maneira mais geral, dos antigos.

Se nada permite, em realidade, questionar as belas demonstrações de Bernard Sergent, seria imprudente reduzir a homossexualidade grega a um rito iniciático. Sobretudo porque esse aspecto, perfeitamente estabelecido pela análise dos mitos, só aparece na época histórica em algumas cidades gregas e apenas sob uma forma muito degradada ele se deixa revelar em algumas outras.

Além disso, não se pode colocar no mesmo plano comportamentos codificados pelas leis, como o rapto do adolescente por um jovem adulto em Creta, com vida comum durante algumas semanas e presentes obrigatórios no fim do "estágio", e o fato de que os jovens espartanos, atenienses e outros se ofereciam a amantes durante um período mais ou menos longo de sua adolescência e de sua jovem maturidade, sem que isso fizesse parte de um rito preciso.

Esses jovens não são solicitados por um único homem, mas por vários, se sua beleza chama a atenção: no século 5º a.C., o célebre amante de Sócrates, Alcibíades, muito forte e muito belo, pertencente a uma família de prestígio, conta com numerosos "erastès". A cidade grega, pelo menos suas classes dirigentes, vive efetivamente numa atmosfera de erotismo masculino que por certo ajuda a compreender os aspectos sexuais dos ritos iniciáticos, mas os ultrapassa. É preciso tentar dimensionar esse fato e buscar sua explicação.

Em primeiro lugar, um ato sexual não se pode reduzir a um rito. Podem-se oferecer sacrifícios aos deuses sem acreditar neles, recitar preces pensando noutra coisa, banquetear-se sem ter fome, beber sem ter sede, mas não fazer amor sem desejo, ao menos de um dos amantes. O que confirmam sem ambiguidade os textos e as imagens que ilustram a atração dos "erastés" por seus "eromènos". Mesmo se essas cenas se situassem todas no quadro dos ritos iniciáticos ou, se preferirem, da pedagogia pederástica honrada na cidade grega, seria preciso constatar que o rito não exclui nem desejo nem prazer.

Tudo prova que as sociedades gregas não manifestam pela homossexualidade masculina nenhuma repugnância confessada e que cultivam de forma privilegiada, ao contrário, uma atmosfera de masculinidade fortemente erotizada. Não se trata de fazer da Grécia antiga um paraíso gay, como o imaginam um tanto apressadamente os que buscam na história modelos para o tempo presente. Os atenienses não hesitam em ridicularizar os efeminados, os homens que, passada a idade, continuam a se oferecer aos amantes, e condenam sem reservas os que se prostituem, aos quais é vetada a palavra na assembléia do povo.

Entretanto as práticas homossexuais fazem parte dos seus comportamentos sociais habituais e não se limitam aos ritos iniciáticos do fim da adolescência. A rica poesia erótica em glória dos belos rapazes, transmitida fielmente pelos eruditos desde a época helenística até a época bizantina, não é de modo algum uma literatura clandestina. As imagens que ornamentam os vasos áticos estão repletas de cenas que exaltam os amores masculinos sem complacência, mas sem ambiguidade.

Isso nada tem em comum com os grafites pornográficos que, dos bordéis de Pompéia aos banheiros públicos de nossas grandes cidades, pertencem a todas as épocas, inclusive à Grécia antiga. Aqui, ao contrário, são objetos de luxo produzidos nos ateliês dos melhores pintores e utilizados por ocasião dos banquetes que reúnem os homens das melhores famílias, em cada cidade. São representações lícitas oferecidas à vista de todos, sem constrangimento e sem tabu, e destinadas a agradar os sentidos dos participantes.

Seria cansativo fazer um inventário dos textos que não apenas comprovam o quanto são comuns essas relações homossexuais, mas também, mais simplesmente, testemunham o prazer que os gregos sentiam em contemplar belos rapazes.

Assim, no século 5º a.C., o poeta cômico Aristófanes - que não poupa palavras duras para zombar de um efeminado que, a exemplo das mulheres, se depila nas partes mais íntimas - enaltece, em sua peça "As Nuvens", os bons velhos tempos em que os adolescentes evitavam "untar-se de óleo mais abaixo do umbigo: assim, que suave e tenra penugem sobre seus órgãos, como sobre os marmelos!". O que não impede a satisfação que ele sente em contemplá-los dançando, nus e em armas, para a festa das Panatênias.

Há poucos cidadãos proeminentes que não sejam reconhecidos como amantes, "eromênos" em sua adolescência, "erastés" um pouco mais tarde. Essas anedotas não constituem uma crônica maliciosa ou escandalosa, mas um meio de valorizar o indivíduo, de sublinhar sua nobreza, sua virtude, seus méritos, desde sua juventude. Como exaltar melhor o valor do homem de Estado ateniense Pisístrato (século 6º a.C.) senão mostrando-o ser o amante de Sólon, o célebre legislador mais velho que ele?

Pouco importa a realidade do episódio: o que conta é que se acreditou honrar a ambos apresentando-os como amantes. E, se a ligação entre Sócrates e Alcibíades espanta, é que a feiúra do primeiro contrasta com a beleza do segundo _sem falar da diferença de meio social. Casal escandaloso porque desigual, mas não casal ilícito. Se há debate entre os acompanhantes de Sócrates sobre as ligações homossexuais, não é para questioná-las, mas para avaliar sua função, medir o lugar que nelas devem ocupar respectivamente a carne e o espírito. Esse é o tema único do "Fedro" de Platão.

Entretanto, se o amor entre homens reina absoluto nos meios aristocráticos e intelectuais, estes não têm a exclusividade. Nada mostra melhor o quanto é comum a atração pelos rapazes na Grécia antiga que os registros feitos de passagem, num contexto sem ligação alguma com as relações amorosas. Assim, por ocasião de uma expedição militar, os chefes decidiram que todos os prisioneiros seriam libertados para não retardar a marcha das tropas.

E o historiador Xenofonte comenta em sua "Anábase", redigida no século 4º a.C.: "Os soldados obedeceram, com exceção de algum belo rapaz ou uma bela mulher mantidos à socapa, pelos quais haviam se apaixonado".

Platão, ao evocar nas "Leis" um atleta que nada negligenciou de seu treinamento, destaca que ele "jamais tocou numa mulher ou num jovem rapaz enquanto esteve empenhado em seu treinamento". E o poeta trágico Eurípedes, louvando em "As Suplicantes" o herói Partenopeu, escreve: "Ao entrar em nosso

exército, como um puro argivo, ele combateu por esta cidade, participando de nossos êxitos e se afligindo com nossos revezes. Muitos homens, muitas mulheres buscaram seu amor: ele cuidava para nunca falhar".

As citações poderiam se multiplicar: tanto a mulher quanto o efebo exercem a mesma sedução. Seria portanto um erro reduzir a homossexualidade na Grécia antiga a seus aspectos rituais, negligenciando a dimensão do prazer. Sim, os mesmos homens que, casados, dormem com suas mulheres e lhes fazem filhos, que frequentam as prostitutas e não temem ter concubinas, sentem prazer à visão dos corpos dos jovens e mantêm naturalmente com eles relações que nada têm de platônicas.

Mas amor às mulheres e amor aos rapazes constituem apenas uma equivalência de fachada. Longe de colocarem no centro das relações sexuais o par masculino-feminino, os gregos estabelecem ao lado dele um outro par igualmente importante, masculino-masculino. Se as relações heterossexuais representam seguramente na Grécia antiga a esmagadora maioria das relações sexuais, não existe porém norma heterossexual dominante.

Ao contrário das sociedades ocidentais contemporâneas, as sociedades gregas ignoram simplesmente a categoria dos "homossexuais", e não há necessidade de travar combate no interior delas para fazer reconhecer uma diferença qualquer e exortar à tolerância.

Tolerância implica a existência de uma norma e apresenta-se como uma concessão benevolente aos que dela se afastam. Ora, a homossexualidade grega é um comportamento reconhecido (exceto no caso dos efeminados ou prostitutas), praticado por muitos (mas não por todos; Xenofonte, por exemplo, lhe é decididamente hostil) e mais valorizado, nos meios abastados, que as conquistas femininas.

Tal situação traduz, sem dúvida, o estatuto desfavorável concedido às mulheres nas cidades gregas: nenhum lugar lhes é reservado nas manifestações da vida social, das quais estão ausentes mesmo quando pertencem a um meio favorecido. O ideal da mulher grega de boa família, aos olhos dos homens, é o de uma reclusa, confinada às tarefas domésticas e mostrando-se o menos possível em público. A mulher honesta é a que não se vê e até mesmo cujo nome se ignora.

Os homens ocupam toda a esfera da vida pública, com exceção de algumas manifestações religiosas. Nos banquetes, se aparece alguma mulher, é uma dançarina, uma flautista, uma prostituta, reservada ao prazer dos homens. Mas mesmo essa presença é rara e, tanto na iconografia dos vasos áticos quanto nos textos, o que aparece em cena é uma sociedade de homens. Não há mulheres no ginásio, nas termas ou no estádio.

Sem dúvida, é precisamente nesse caráter exclusivamente masculino da vida social grega que devemos buscar uma explicação. O sociólogo dinamarquês Hennig Bech, sem se interessar particularmente pelas sociedades antigas, fez interessantes análises dos comportamentos dos homens entre si, que ajudam a compreender retrospectivamente os gregos (3).

Mostrando o fascínio que a virilidade exerce sobre os homens, as fantasias que ela alimenta, ele deduz que a homossexualidade é parte integrante do universo masculino e que os homens a recalcam, a desviam para outros objetos ou a assumem, devido às pressões de seu meio. Quando eles se encontram entre si, a ausência de mulheres-testemunhas abole os tabus e levanta as interdições. Livres da presença feminina, homens que se afirmam como estritamente

heterossexuais contemplam sem constrangimento o corpo do outro ou se exibem sem pudor. Eles cedem sem dificuldade à sedução do corpo idêntico e satisfazem livremente uma curiosidade-fascínio cujas motivações apenas a psicanálise revela.

Ora, os gregos, especialmente os dos meios abastados, cujos lazeres permitem a presença assídua nos locais frequentados por homens, acham-se permanentemente nessa situação. Claro que, de volta às suas casas, reencontram as mulheres _e o leito da esposa, de uma concubina ou de uma escrava_, mas as práticas sociais os colocam em situação permanente de exclusividade masculina, na assembléia do povo, na ágora, nos banquetes, assim como no ginásio ou nas termas. Protegidos do olhar das mulheres, os homens gregos se habituaram a celebrar sem limite a beleza do corpo masculino.

A exaltação do corpo masculino nu, testemunhada por toda a escultura grega antiga, é muito maior, e sobretudo muito anterior, que a do corpo feminino: os "kouroi" (homens jovens) arcaicos já expõem sem véu sua intimidade, enquanto no mesmo momento as "korai" (sua versão feminina), envoltas num rígido vestido que oculta suas formas, só oferecem ao espectador seu sorriso.

Será preciso esperar o fim do século 5º a.C. para que a estátua feminina se suavize, que a técnica do drapejamento molhado sublinhe suas curvas _sem no entanto jamais mostrar o sexo. Ao passo que o do homem se mostra de forma impudica nos "hermes" (4) a cada encruzilhada, e os deuses, os heróis do passado e os grandes homens do tempo presente exibem-se igualmente nus nos locais mais visíveis da cidade.

Mas não nos enganemos quanto a isso: na nudez triunfante não é o aspecto sexual que se destaca. Ao contrário, o sexo deve ser modesto, como diz com graça Aristófanes ao instruir, em "As Nuvens", um jovem de seu tempo: se seguir os preceitos da boa velha educação, este terá "o peito robusto, a tez cor de cobre, os ombros largos, o discurso breve, as nádegas arredondadas, o pênis pequeno", enquanto o adepto do ensinamento desviado dos sofistas terá exatamente o oposto. E a iconografia confirma essa atitude favorável a uma representação humilde, às vezes surpreendente de tão minúscula. É somente nas cenas burlescas, abertamente pornográficas, entre os bárbaros e os escravos, que se pintam pênis enormes, comparando seu proprietário mais a um animal que a um ser civilizado.

Na verdade, a onipresença da nudez na Grécia antiga nos parece tão banal que esquecemos de tirar suas lições. Claro que os gregos não são os únicos a privilegiar o nu na arte; mas em outras culturas, quando não se trata de uma herança cultural como em nosso caso, isso testemunha uma vontade de evidenciar a potência sexual, o papel fecundante e regenerador do macho. Não é em absoluto o que acontece entre os gregos; no essencial, trata-se apenas da ocasião de mostrar uma imagem da beleza, revelação sem ambiguidade do gosto do homem grego pelo corpo do homem.

Além do mais, como foi dito, a nudez não reina apenas nos vasos e nos frontões dos templos. Constitui também uma prática coletiva. Os gregos conservaram a lembrança do primeiro atleta a correr nu num estádio, Orsippos de Mégara, em 721 a.C., segundo a cronologia tradicional dos Jogos Olímpicos. Quaisquer que tenham sido as razões exatas de seu gesto (seu cinto-calção teria se soltado), rapidamente ele fez adeptos.

No século 5º a.C., o historiador Tucídides conta que os espartanos foram os primeiros a adotar esse costume:

"Eles passaram a se despir para aparecer em público e, com o corpo untado de óleo, praticar exercícios atléticos. Outrora, mesmo nas competições olímpicas, os atletas vestiam uma tanga que lhes ocultava o sexo. Ainda hoje, entre alguns bárbaros e particularmente entre os asiáticos, há

concursos de pugilato e de luta em que os combatentes vestem uma tanga. Poder-se-iam invocar muitos outros fatos para mostrar que, no mundo grego de outrora, o modo de vida era análogo ao que é hoje entre os bárbaros" (5).

Os gregos se adaptaram tão bem a isso que a nudez se torna para Tucídides um símbolo de civilização. Bem mais tarde, no século 2º de nossa era, o escritor satírico Luciano de Samósata sustenta idéias similares, quando a Anacársis, sábio bárbaro que se espanta de ver jovens aparentemente bem educados ficarem nus para travar combates sem objetivo (uma coroa de folhas!) e pergunta o sentido de tudo isso, ele faz responder por Sólon: "Se não compreendes, é que realmente és um bárbaro!" (6).

Ora, o orador ateniense Esquino, no século 4º a.C., aplica o mesmo discurso à homossexualidade: no longo arrazoado em que acusa Timarco de se prostituir, ele recusa de antemão os argumentos de seus adversários que, diz ele, "afirmam que não busquei mover um processo, mas inaugurar uma era de odiosa incultura", fazendo "do amor pelos efebos um tema de opróbrio e uma causa de processo" (7).

Ele emprega, no caso, a palavra "apaideusia", "ausência de paidéia", que designa ao mesmo tempo a educação e a cultura: renunciar ao amor aos rapazes seria o cúmulo da grosseria, da barbárie inculta. Contra isso Esquino se defende com toda a energia, lembrando com orgulho que ele próprio amou numerosos jovens.

Nudez, esporte, homossexualidade: três símbolos da vida civilizada à grega. Será por acaso que Sólon proíbe o ginásio aos escravos e que os espartanos proibiram tanto o ginásio quanto as relações homossexuais aos hilotas, os escravos ligados a suas terras? São esses três elementos que, com o banquete, invadem a cerâmica e a poesia erótica desde o final do século 7º a.C. _o que não pressupõe sua inexistência anterior. Nesse momento, quando a vida social os convida a contemplar sem constrangimento o corpo nu do homem, idealizado pela imagem ou valorizado pelos exercícios do ginásio, é manifesto que os homens gregos se apaixonam por esse duplo ideal de si mesmos.

Tendo uma esposa que entrou em sua casa pela vontade de seu pai ou pelo cálculo do que é vantajoso para sua fortuna, o homem grego encontra em seus jovens companheiros satisfações superiores, que podiam se apoiar em exemplos de amizades célebres, como as de Apolo e Jacinto, Aquiles e Pátroclo, Harmódio e Aristogiton, tão célebres por sua beleza e seus amores quanto por sua sabedoria e sua coragem. Não havia o próprio Zeus dado o exemplo, ele, o amante de tantas mulheres, cedendo ao encanto do belo Ganimedes?

Notas

1. Eurípedes, "Hipólito", versos 616-624 e 664-665 (cf. tradução francesa de L. Méridier, "Les Belles Lettres", 1927).
2. O "erastès" designa o parceiro que toma a iniciativa da conquista amorosa, mas também o que desempenha o papel ativo na relação sexual. O "er•menos" é o mais jovem, que se submete.

3. H. Bech, "When Men Meet - Masculinity and Modernity", The University of Chicago Press, 1996.
4. Pilastra que representa o deus Hermes com uma cabeça barbuda e um falo erguido, que protegia especialmente as vias públicas.
5. Tucídides, "História da Guerra do Peloponeso", I, 6. Cf. também Platão, "República", V, 452 c-d.
6. Luciano de Samósata, "Anacársis".
7. Esquino, "Contra Timarco", 132 e 135, Paris, "Les Belles Lettres", 1927.

VITRINE

A RAZÃO GULOSA: Filosofia do Gosto

MICHEL ONFRAY
Rocco

RESUMO: O paladar e o olfato são, entre os cinco sentidos, os que usufruem de pior reputação já que são generosos em mostrar o quanto o homem que pensa e medita é ao mesmo tempo um animal que sente cheiro e saboreia. Daí o descrédito lançado a todas as atividades estéticas que fazem apelo aos sabores e aos odores, assim, como às artes da cozinha e da bebida. Este livro quer atribuir a dignidade filosófica que falta aos domínios da mesa e a responder afirmativamente a questão de Nietzsche: existirá uma filosofia da nutrição?

SUMÁRIO: Pequena Teoria das Bolhas; Polidez Gulosa e Cena Gastronômica; Vias de Acesso aos Intestinos; O Útero, a Trufa, e o Filósofo; Breve Mitologia das Religiões excitantes; O Império dos Signos Culinários; Celebração da Parte dos Anjos; Estética do Efêmero; Por uma Filosofia Estendida ao Corpo.

Áreas de interesse: Filosofia, Gastronomia, Hedonismo.

Palavras-chave: Filosofia, Culinária, nutrição, Comportamento Humana

LINKS

Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças
<http://www.cbfc.com.br>

Ibero-american Science& Technology Consortium
www.istec.org

Educação no exterior
www.fastweb.com

Línguas
www.weblinguas.com

downloads
www.downloads.com

www.superdownloads.com.br

www.tucows.com

www.zdnet.com/downloads

Arte
www.mundodaarte.com.br

Picasso
www.clubinternet.com/picasso

Literatura de Cordel
www.ssac.unicamp.br/suarq/cedae/cedae-flc-varal.html